RESPONSABILIDADES

FRANCISCO PAZ
Secretário adjunto da Saúde do Estado

"Toda a nossa cadeia tem indícios de agrotóxicos"

As ações referentes ao termo de ajustamento de conduta (TAC) da Ceasa estão falhando?

Tem de ser mais, não tenho dúvidas. Mas está se fazendo. E o TAC é um termo entre entes públicos que fizeram pacto para atingir um resultado. Se não estão, bom, tem de ver por quê. Por que o Lacen *(Laboratório Central do Estado)* não fez mais exames? Porque não tem condições.

Nossas amostras apresentaram 45% de contaminação. Do ponto de vista da saúde das pessoas, isso é um risco?

Pode ser prejudicial. O morango é um dos produtos que mais necessita do uso de defensivos para não estragar. Esse pessoal que não tem morango identificado para rastreabilidade é incontrolável. Regra prática: não comer morango sem rastreabilidade. Isso garante? Não. Tu tem de saber que comendo moranguinho, estás ingerindo agrotóxico sempre. Podem ser mais ou menos graves? Podem. Não vejo forma para dar absoluta certeza de que os produtos estejam bons para consumo. O único indicativo são os orgânicos. Mas não se pode proibir o consumo de alimentos com agrotóxicos se o país permite a venda deles com mecanismos de controle frouxos. Se despejam toneladas *(de veneno)* no solo gaúcho por ano. Aí, não faz diferença comer um moranguinho contaminado. Toda a nossa cadeia alimentar tem indícios de resíduos de agrotóxicos.

> "Não vejo forma para dar absoluta certeza de que os produtos estejam bons para consumo. O único indicativo são os orgânicos.

A legislação é branda?

Tem de ser aprimorada. Mas certa vez, no tempo em que estava na direção do CEVS *(Centro Estadual de Vigilância em Saúde)*, fui a Passo Fundo e perguntei a agricultoras se sabiam que agrotóxico fazia mal. A resposta de uma delas foi de que deveria se fazer um trabalho para o consumidor não ser tão exigente. Em casa, elas *(produtoras)* têm horta sem agrotóxicos, mas para vender no supermercado na cidade grande, *(o alimento)* tem de ser bonito. E aí, se coloca veneno.

Produtos garantem sobrevivência das lavouras contra a ação de predadores, mas abuso pode trazer riscos

USO DE AGROTÓXICOS AINDA É IMPRESCINDÍVEL PARA MANTER AGRICULTURA EM LARGA ESCALA

A necessidade de produzir alimentos em larga escala, a preços mais baixos, e o clima tropical do Brasil, propício ao desenvolvimento de resistências pelas pragas, estão na base da justificava para a aplicação de agrotóxicos nas lavouras ainda ser imprescindível.

Em décadas de hegemonia deste modelo de produção, as argumentações sempre estiveram relacionadas à necessidade de evitar o risco de desabastecimento da crescente população e a fome. Além de a aplicação de pesticidas combater outros seres vivos que tentam sobreviver no campo se alimentando de plantas, como os insetos.

Diretora de Segurança e Produto da Bayer na América Latina, Carla Steling faz uma analogia entre a aplicação de defensivos agrícolas e o uso de medicamentos pelos seres humanos. Assim como os indivíduos precisam, frequentemente, tomar fármacos para atacar doenças, o mesmo valeria para as plantações, ameaçadas por insetos, fungos, ácaros e ervas daninhas. Caso contrário, os predadores das lavouras poderiam comprometer produções, trazendo consequências para o abastecimento.

– Com a quantidade de vírus que temos por aí, não podemos abrir mão de antibióticos, analgésicos. Da mesma forma, não podemos abrir mão do defensivo para combater as pragas – justifica Carla.

Ela ainda explica que o clima do Brasil, com calor e chuvas em boa parte do ano, exerce papel importante para elevar a aplicação dos agroquímicos.

– As pragas sempre vão existir em todos os lugares. O que acontece é que elas desenvolvem maiores resistências e surgem em abundância por causa do clima tropical. A questão não é acabar com o defensivo, mas continuar desenvolvendo novos porque as resistências estão aí. O ponto é fazer o uso responsável e correto – avalia Carla, alertando sobre a necessidade de seguir fielmente as indicações de aplicação dos químicos.

> "A questão não é acabar com o defensivo, mas continuar desenvolvendo novos porque as resistências *(das pragas)* estão aí. O ponto é fazer o uso responsável e correto.
>
> **CARLA STELING**
> Diretora de Segurança e Produto da Bayer na América Latina

"REVOLUÇÃO VERDE" PÓS-GUERRA FIRMOU PADRÃO DE PRODUÇÃO

O modelo agrícola atual, incrementado pelas tecnologias de fertilização e por pesquisas sobre sementes e mecanização do campo, entrou em vigor após a Segunda Guerra, em um contexto de Guerra Fria, no movimento que foi batizado de "Revolução Verde". Essa lógica, oferecida à época pelo então bloco capitalista, previa o aumento da produtividade das plantações e o crescimento da oferta de alimentos a preços mais baixos.

– Uma mudança de modelo levaria décadas. O atual se viabilizou porque teve investimento massivo, inclusive do poder público. Todas as grandes empresas são subsidiadas. Os agrotóxicos têm isenção de até 60% de ICMS, dependendo do Estado, além do IPI e outros impostos. Há uma série de isenções para viabilizar. Também houve pacote de extensão rural para que se fizesse uso dessas tecnologias. Foi por isso que esse modelo vingou em um processo longo – explica o engenheiro de alimentos Victor Pelaez, doutor em Economia e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Em resposta a questionamentos do Grupo de Investigação da RBS (GDI), o Ministério da Agricultura (Mapa) avalizou a concessão dos benefícios a indústrias de agrotóxicos como parte da política de Estado.

– Esse tema diz respeito a redução do custo desse produto *(agentes químicos)*, responsável por um impacto de 20% em média no custo de produção da agropecuária brasileira. Os incentivos fiscais, a princípio, reduzem este impacto para a produção agrícola – explicou o Mapa, indicando que esse barateamento chega ao preço final do alimento.

O professor Pelaez avalia que o "risco da fome" ainda é muito presente no discurso de justificativa do uso predominante de agrotóxicos. Para ele, a consolidação de qualquer alternativa menos danosa à saúde – seja a produção orgânica ou o controle biológico de pragas – dependerá de investimentos e políticas públicas de longo prazo.

– Não existe só um modelo possível. Existem vários. O que vai viabilizar é a decisão e o investimento. A tecnologia não é neutra. Ela atende a interesses que podem ser públicos ou privados – destaca Pelaez.